

Ópera

# ALEIJADINHO

Libreto de André Cardoso

## **Personagens:**

Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, escultor (barítono)  
Tomás Antônio Gonzaga, poeta inconfidente (tenor)  
Alvarenga Peixoto, poeta inconfidente (barítono)  
Joana, nora do Aleijadinho (soprano)  
Manuel Francisco, filho do Aleijadinho (tenor)  
José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, compositor (barítono)  
Vicente Freire de Andrada, contratante (baixo)  
Justino, aprendiz do Aleijadinho (ator)  
Maurício, escravo do Aleijadinho (ator)  
Januário, escravo do Aleijadinho (ator)

## **ATO I**

Ano de 1789 em Vila Rica. Em uma taberna reúnem-se homens e mulheres que se divertem, bebem e jogam (coro e balé). Nela se encontram o poeta Tomás Antônio Gonzaga, o Aleijadinho, seu filho Manuel Francisco e Joana. Na primeira cena o Aleijadinho conta passagens de sua vida. Gonzaga recita trecho de suas "Cartas Chilenas". Todos dançam o Lundu (balé). O Aleijadinho conversa com Gonzaga sobre uma nova encomenda que recebeu da Ordem de São Francisco e sobre a situação política de Vila Rica. Subitamente sente fortes dores que o levam ao chão. É acudido por Gonzaga e Joana, enquanto Manuel Francisco nada faz. O Aleijadinho canta sua ária e volta a conversar com Gonzaga. Na segunda cena Manuel Francisco se aproxima de Joana e por ela se interessa, finalizando com um dueto (Serenata mineira). A terceira cena tem início com a entrada súbita na taberna do poeta Alvarenga Peixoto, que está a procurar por Gonzaga. Informa que haverá nova "Derrama" e que Tiradentes os chama para deflagrar a rebelião. Alvarenga é contestado pelo Aleijadinho e Gonzaga intervém dizendo que a rebelião será vitoriosa. Instados por Alvarenga em sua ária, todos cantam um hino à liberdade desfraldando a bandeira da Inconfidência.

## **CENA I**

**CORO** (Texto de lundu mineiro registrado pelos viajantes alemães J. B. von Spix & C. F. P. von Martius e publicado em "Viagem pelo Brasil – 1817-1820")

"Uma mulata bonita não carece rezar

Basta o mimo que tem

Para sua alma salvar.

Mulata! Se eu pudesse formar altar

Nele te colocaria

Para o povo te adorar".

## **ALEIJADINHO**

Que lhe parece, meu caro Gonzaga? Gostas da dança do Lundu?

## **GONZAGA**

Ah, mestre Antônio Francisco, dizem que é dança lasciva.  
Mas em Portugal já frequenta os salões e diverte nobres e reis.  
Não só gosto como coloquei em minhas Cartas Chilenas.

## **ALEIJADINHO**

Nos faça ouvir, Gonzaga! Recite para nós.

## **GONZAGA**

Pois bem, recitarei.

(Dirigindo-se a todos)

Caros amigos, um momento de sua atenção.

A pedido do mestre Antônio Francisco Lisboa, nosso mais conceituado artista, e a quem um pedido não se pode negar, recito para todos um trecho de minhas Cartas Chilenas, onde Critilo narra a Doroteu as brejeirices de certo fanfarrão, que se deixa seduzir pela dança do Lundu.

## **GONZAGA** (Ária – Trecho da 11ª das Cartas Chilenas)

“Fingindo a moça que levanta a saia  
e voando na ponta dos dedinhos,  
prega no machacaz, de quem mais gosta,  
a lasciva embigada, abrindo os braços.  
Então o machacaz, mexendo a bunda,  
pondo uma mão na testa, outra na ilharga,  
ou dando alguns estalos com os dedos,  
seguindo das violas o compasso,  
lhe diz - “eu pago, eu pago” - e, de repente,  
sobre a michela atira o salto.

Ó, dança venturosa! Tu entravas  
nas humildes choupanas, onde as negras,  
aonde as mulatas, apertando  
por baixo do bandulho a larga cinta,  
te honravam c’os marotos e brejeiros,  
batendo sobre o chão o pé descalço”.

## **CORO**

“Ó, dança venturosa! Tu entravas  
nas humildes choupanas, onde as negras,  
aonde as mulatas, apertando  
por baixo do bandulho a larga cinta,  
te honravam c’os marotos e brejeiros,  
batendo sobre o chão o pé descalço”.

**GONZAGA**

"Agora já consegues ter entrada nas casas mais honestas e palácios!"

**TODOS** (Bravo! Muito bem! etc. Risos e aplausos)

**ALEIJADINHO**

Bravo, meu caro Gonzaga. Tuas Cartas Chilenas são puro ouro.

**GONZAGA**

Obrigado, mestre Antônio Francisco.

É a dança do Lundu, que a todos contagia.

Das senzalas aos palácios, não há mais ninguém que resista.

Vamos, meus amigos, todos dançar, não é mais dança vulgar.

**CORO**

"Uma mulata bonita não carece rezar

Basta o mimo que tem

Para sua alma salvar.

Mulata! Se eu pudesse formar altar

Nele te colocaria

Para o povo te adorar".

**(DANÇA DO LUNDU – Balé)****ALEIJADINHO**

Venha cá, meu caro Gonzaga, tome um trago comigo.

Tua Marília há de aceitar que comemores com um amigo.

**GONZAGA**

Mas, diga, caro mestre, o que estamos a brindar?

**ALEIJADINHO**

Assinei novo contrato com a Ordem Terceira de São Francisco.

**GONZAGA**

A tua igreja!

**ALEIJADINHO**

Sim, aquela que melhor representa a minha arte.

Fiz o desenho da fachada e o risco da portada.

Púlpitos, retábulos e o lavatório da sacristia.

Agora será o Altar Mór.

**GONZAGA**

És o mestre maior! De teu pai um verdadeiro discípulo.

**ALEIJADINHO**

Sim, meu pai, Manoel Francisco Lisboa, um hábil arquiteto nascido em Portugal. Despertou em mim o gosto pelo belo e pela arte. Com ele aprendi o ofício. Mas não se esqueça do mestre Francisco Xavier de Brito, um habilidoso artista lá do Rio de Janeiro, precedido de grande fama. Com ele estudei e tinha grande afinidade.

**GONZAGA**

Mas o teu Altar não é projeto novo, o desenho é muito antigo.

**ALEIJADINHO**

Sim, tens razão, projetei há muito tempo, mas não pude iniciar. Ficou engavetado, esperando a Ordem me chamar. O tempo de fartura já é coisa do passado. Vila Rica já não é mais a mesma. O ouro parece esgotar.

**GONZAGA**

Não só o ouro que se esgota, meu caro mestre, mas também a nossa paciência. Somos explorados por Portugal, que pouco nos dá em troca. Não há alternativa que não seja a resistência.

**ALEIJADINHO**

Deixe de bobagens, Gonzaga. É uma luta inglória. Não há como resistir ao poder da Coroa.

**GONZAGA** (levanta-se e leva Aleijadinho para um canto para não serem ouvidos)

Estamos organizando um movimento, que logo explodirá. Tiradentes é o líder e outros a ele se juntam. Assim fizeram na América e dos ingleses se livraram. Com o apoio das milícias combateram o colonizador e declararam independência.

**ALEIJADINHO**

É uma aventura perigosa. Não se deixe seduzir. Quem mais participa além de Joaquim José?

**GONZAGA**

Já somos muitos. Silvério dos Reis acaba de se juntar a nós. Temos Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, comerciantes e militares, até mesmo os Padres Toledo e Rolim.

**ALEIJADINHO**

Meu Deus do céu, padres metidos em revolta. O mundo está perdido. Um conselho vou dar: desista, meu caro amigo.

**GONZAGA**

Não posso, estou comprometido.

**ALEIJADINHO**

De onde tiras tais ideias, Gonzaga? São muito perigosas. Tenhas cuidado.

**GONZAGA** (tirando um pequeno livro do bolso)

Aqui está a nossa inspiração. São autores franceses, chamados iluministas. Suas ideias nos animam. Falam de liberdade, de direitos do homem e do cidadão.

**ALEIJADINHO** (repreendendo Gonzaga)

Esconda isso, Gonzaga. Tais livros aqui são proibidos.

**GONZAGA**

E por isso devemos nos rebelar.

Não quero que me digam o que posso ler e o que devo escrever.

Tenho minha opinião e por ela vou lutar.

**ALEIJADINHO**

Manifestas o que pensas com muita convicção.

Nas tuas Cartas Chilenas deixastes o governador em má situação.

**GONZAGA**

Ah! Cunha Menezes, aquele fanfarrão.

Nossa terra nunca viu tamanha corrupção.

Não merece respeito quem do povo debocha.

**ALEIJADINHO**

Concordo, meu caro Gonzaga, mas contigo me preocupo. Não se exponha demais.

**GONZAGA**

Obrigado, caro mestre. Sei que em ti posso confiar.

(O Aleijadinho sofre um súbito ataque de dor e cai. Gonzaga o ampara e Joana corre para ajudá-lo. Manuel Francisco assiste a cena, mas não socorre o pai. Todos na taberna olham para o Aleijadinho)

**GONZAGA**

Ah! Deixe-me ajudá-lo.

**GONZAGA** (agradecendo os préstimos de Joana)

Obrigado, senhorita. É muito gentil de sua parte.

(Joana volta para sua mesa e é observada por Manuel Francisco)

**GONZAGA** (para o Aleijadinho)

Como se sente?

### **ALEIJADINHO**

Ah, meu amigo, isso é grave, eu sei.  
Já sinto os males de minha doença.  
Ela faz meu corpo se deformar  
A você minha sina vou contar.

### **ALEIJADINHO** (Ária)

Eu era um homem forte e robusto  
De boa saúde gozava, ao meu pai auxiliava  
Grandes esforços fazia, dificuldades desconhecia  
Com minhas mãos transformava, a pedra-sabão esculpia.

Mas subitamente por fortes dores fui atacado  
Um sofrimento terrível em mim se abateu  
Sem forças, precisei ser amparado  
Minha aparência em chagas sofreu.

Hoje as ferramentas mal consigo segurar  
Em minhas mãos, o cinzel preciso atar  
Resignado, padeço dos males da deformação.

Estou pagando os meus pecados  
A cada dia aumenta muito o meu sofrer  
Que mal fiz eu a Deus, para tal pena merecer?

### **GONZAGA**

Não há de ser nada, caro amigo.  
Certamente um bom descanso será suficiente para que recobres as forças.  
Venha, deixemos de lado a política.  
Fale mais sobre o Altar Mór de São Francisco.

(Cena muda de foco para Manuel Francisco, que vai até Joana e por ela se interessa)

## **CENA II**

### **MANUEL FRANCISCO**

Boa noite, senhorita.  
Com sua licença.

(Joana consente e Manuel Francisco se senta à mesa).

### **MANUEL FRANCISCO**

Não quero importuná-la, apenas agradecer por ter ajudado aquele pobre homem.

### **JOANA**

Não poderia deixar de ajudar a quem tanto precisa.  
Mestre Antônio Francisco Lisboa merece toda nossa compaixão.

**MANUEL FRANCISCO**

Você o conhece?

**JOANA**

Sim, quem não conhece o maior artista das Minas Gerais?

E você, quem é?

**MANUEL FRANCISCO**

Manuel Francisco Lisboa, um vosso criado.

**JOANA**

Será um parente?

**MANUEL FRANCISCO**

Sim, sou filho do mestre Antônio Francisco.

**JOANA**

Deves sentir orgulho de ser filho de tão notável artista.

**MANUEL FRANCISCO**

Ele é um grande artista e muitos o reverenciam por toda Minas Gerais.

Mas suas moléstias são enormes e muitas vezes o impedem de trabalhar.

**JOANA**

Será coisa passageira?

**MANUEL FRANCISCO**

Não creio. Com os anos as dores só aumentam. É difícil suportar!

Mas ainda não sei o seu nome...

**JOANA**

Joana é meu nome.

**MANUEL FRANCISCO**

E o que faz a moça?

**JOANA**

Sou parteira.

Nascida em Vila Rica e muito trabalhadeira.

Costuro minha própria roupa e sou muito prendada.

Vivo de casa em casa, para onde sou chamada.

As crianças amparo ao nascer

Os nomes ajudo a escolher.

**MANUEL FRANCISCO**

E o que fazes aqui?

**JOANA**

Espero um chamado.  
Moro longe e aqui aguardo.  
Uma nova vida está para nascer e aqui virão me buscar.

**MANUEL FRANCISCO**

Deves ter cuidado. Vila Rica vive dias agitados.

**JOANA**

Sim, algo está para acontecer.  
O povo está desconfiado que haverá nova derrama.  
É preciso estar preparado. Teus bens podem ser confiscados.

**MANUEL FRANCISCO**

Posses não temos. Levamos uma vida simples, não há o que temer.  
Penso em deixar Vila Rica, partir para outro lugar.

**JOANA**

E para onde iria?

**MANUEL FRANCISCO**

Para o Rio de Janeiro. Lá nasci e quero voltar.

**JOANA**

Não é de Vila Rica? Como aconteceu?

**MANUEL FRANCISCO**

Certa vez, em mil setecentos e setenta e seis, o Vice-Rei, Marques do Lavradio, mandou em Minas buscar vários artesãos. Meu pai foi recrutado. Minha mãe, Narcisa Rodrigues da Conceição, com ele vivia. Eu nasci na capital, batizado na Catedral.

**JOANA**

Levará a família?

**MANUEL FRANCISCO**

Sou jovem solteiro, artista não quero ser.  
Meu pai é um homem doente, um professor impaciente.  
Na capital da colônia eu pretendo viver.

**JOANA**

Mas mestre Antônio Francisco ficará desamparado!

**MANUEL FRANCISCO**

Não, os escravos dele cuidarão e trabalho não faltará.  
É conhecido em Minas Gerais.  
De Congonhas a São João Del Rei, Mariana e Sabará.

**JOANA**

E teu trabalho? Como fará?

**MANUEL FRANCISCO**

Vou ser marceneiro lá no Rio de Janeiro.  
Antes preciso encontrar uma mulher com quem possa casar.  
Uma moça bonita, prendada e muito formosa.  
Talvez aqui encontre, quem sabe?

**JOANA**

Quem sabe...

**JOANA e MANUEL FRANCISCO** (Dueto – Serenata mineira)

**MANUEL FRANCISCO**

O luar se derrama pelas ladeiras de Vila Rica  
No sereno da madrugada se ouve a voz do seresteiro  
Que desperta a sua amada e faz juras de amor verdadeiro.

**JOANA**

Ela levanta correndo ouvindo uma linda canção  
Será um amor verdadeiro? Pergunta ao seu coração  
E abre sua janela ao som de um violão.

**JOANA e MANUEL FRANCISCO**

Na noite escura e fria encontrei um novo amor  
A lua nos dá a certeza e ilumina num clarão  
É um amor verdadeiro, responde o meu coração.

(Manuel Francisco e Joana saem pela porta da taberna. Logo depois entra Alvarenga Peixoto em grande agitação)

**CENA III**

**ALVARENGA** (exaltado, encaminha-se à mesa onde estão Gonzaga e Aleijadinho)

Gonzaga! Finalmente o encontrei. Trago novidades.  
Recebemos a notícia de que haverá nova derrama.  
É chegada a hora de Vila Rica se rebelar e de Portugal se libertar.  
O Alferes nos espera e a todos mandou chamar.

**GONZAGA** (despedindo-se do Aleijadinho)

Até breve, meu caro amigo, logo nos veremos.

**ALEIJADINHO**

Prudência, amigos, prudência!

**ALVARENGA**

Mestre Antônio Francisco, o senhor há de entender. Não podemos esperar.  
O vil garrote que nos sufoca há de ser para sempre banido.  
A opressão não cessará. Pela liberdade devemos lutar.

**ALEIJADINHO**

Caro Alvarenga, tua arma é a pena, a minha o cinzel.  
Emerico tem a solfa, Ataíde o pincel.  
À arte nos dedicamos, espadas não empunhamos  
Com a beleza os corações conquistamos.

**ALVARENGA**

Sim, caro amigo, artistas nós somos, assim como foram Rousseau e Voltaire.  
Da França nos chegam notícias de uma iminente revolução.  
Não haverá mais súditos, o homem será cidadão.  
Um novo tempo se anuncia, será o fim da monarquia.

**ALEIJADINHO**

Mas o que será dos artistas? Nobres e Reis nos sustentam, novas obras encomendam.

**ALVARENGA**

Somos alimentados por nossas ideias.  
Livres estaremos, de nossas obras viveremos.  
Estará disposto a pagar aquele que delas gostar.

**ALEIJADINHO** (exaltado)

Sou um homem rude, um simples artesão.  
Tu és fazendeiro abastado, conceituado advogado.  
Faz arte sem precisão.

**GONZAGA** (conciliador)

Mantenham a calma, amigos, não é hora de discussão.  
Devemos seguir com os planos e iniciar a rebelião.  
O povo está descontente, já paga muitos impostos  
O Quinto é cobrança injusta  
A Derrama um confisco  
O povo estará conosco na hora que for preciso.

**ALEIJADINHO**

Santa ingenuidade! Argumentos de poeta.

**ALVARENGA**

Vamos com isso, Gonzaga, não temos tempo a perder.  
Silvério dos Reis lá fora nos espera.  
Quando estiver terminado, o mestre irá entender.

## **ALEIJADINHO**

Meus amigos, não quero desanimá-los, contudo devo alertá-los:  
Cuidado com a traição.  
Lembrem de Felipe dos Santos e sua rebelião.  
Da Guerra dos Emboabas, do Capão da Traição.

## **ALVARENGA**

Agora será diferente, estamos todos unidos.  
Da França vêm as ideias, da América a inspiração,  
Um novo Brasil nascerá e Vila Rica será capital de uma nova nação.

## **ALVARENGA (Ária)**

Minha Vila Rica, de Minas a capital  
Com tuas riquezas sustentas Portugal.  
Aqui chegaram, furtivos, perigosos conquistadores.  
Para cá vieram paulistas, artistas, mineradores.

Cresceu entre rios e vales, amada por sua gente,  
Que das entranhas da terra tirou o metal reluzente.  
Tua história é marcada também por sangue e morte,  
Daqueles que aqui chegaram em busca de melhor sorte.

Minha Vila Rica, terra de fé e esperança  
Que renova em teu povo o sonho de uma nova aliança  
Serás para o mundo um exemplo, de uma nação verdadeira.

E o lema que te inspira, expresso em sua bandeira  
Minha Vila Rica, cidade do ouro e da arte  
Em tuas montanhas ecoa um grito: LIBERDADE.

(Alvarenga tira do bolso e abre a bandeira dos Inconfidentes)

## **TODOS**

Salve a nossa bandeira, salve a libertação!  
O brado que hoje ressoa será a nossa canção.  
O jugo atroz de feroz opressor será para sempre banido  
E o lema estampado, em verso escrito  
Será nossa voz, será nosso grito:  
Liberdade, ainda que tarde.  
Liberdade, liberdade.

## **FIM DO PRIMEIRO ATO**

## ATO II

Ano de 1800. Interior da Igreja do Carmo em Vila Rica, onde se vê a grande porta que dá para a rua e o andaime no qual trabalha o Aleijadinho. Ouvem-se sinos. A primeira cena tem início com o coro em *off* que, acompanhado por órgão e um violoncelo solo, canta "Attende Caelum", de Emerico Lobo de Mesquita. A porta se abre. Os escravos Maurício e Januário amparam o Aleijadinho, que veste um grosso capote que o cobre da cabeça aos pés. O acompanha também Justino, seu assistente e aprendiz. Param em frente ao andaime e o ajudam a tirar o capote e a sentar. O coro finaliza. Aleijadinho começa a subir, com dificuldade, os degraus do andaime. Por fim chega ao alto. Maurício e Justino pegam as ferramentas e plantas e sobem as escadas do andaime. Maurício as prende às mãos do Aleijadinho que começa a trabalhar, ajudado por Maurício e Justino. O escravo Januário pega uma imagem, a deixa cair e é advertido pelo Aleijadinho. Pouco depois entra Lobo de Mesquita para se despedir, pois está de partida para o Rio de Janeiro. Voltam ao trabalho após a saída de Emerico. Pouco depois, no início da segunda cena, entram Joana e Manuel Francisco, que anunciam o casamento. Os conflitos entre o Aleijadinho e Manuel Francisco criam um clima tenso. Após a saída do casal, o Aleijadinho canta rezando à Virgem Maria. Após voltar ao trabalho, Aleijadinho se irrita com nova interrupção, que abre a terceira cena. É Vicente Freire de Andrada, de Congonhas do Campo, que chegou para contratá-lo para um novo trabalho. Após a ária cantada por Vicente Freire, o Aleijadinho fica entusiasmado com a proposta de esculpir os 12 profetas para a Igreja de Bom Jesus de Matosinhos.

## CENA I

Ano de 1800. Interior da Igreja do Carmo em Vila Rica, onde se vê a grande porta que dá para a rua e o andaime no qual trabalha o Aleijadinho. Ouvem-se sinos e a música acompanhada ao órgão (coro em *off*). A porta se abre. Os escravos Maurício e Januário amparam o Aleijadinho, que veste um grosso capote que o cobre da cabeça aos pés. O acompanha também Justino, seu assistente e aprendiz. Param em frente ao andaime e o ajudam a tirar o capote e a sentar.

**CORO** ("Attende Caelum", de Lobo de Mesquita)

*Attende, caelum, et loquar: et audiat terra verba ex ore meo.*

*Exspectetur sicut pluvia eloquium meum: et descendant sicut ros verba mea.*

(Tradução: Céus, escutai o que eu disser: ouça a terra as palavras de minha boca. Minhas palavras sejam ansiosamente esperadas como a chuva para os campos.)

**ALEIJADINHO**

É cedo. Melhor assim.

Enquanto todos dormem e o sol ainda não raiou,  
caminhamos tranquilamente por Vila Rica.

Me cubro para não revelar as minhas deformidades.

Não desejo impor às pessoas a minha incômoda presença.

Retornaremos apenas quando cair a noite, caminhando solitários pelas ruas da cidade.

(A música finaliza.)

**ALEIJADINHO**

Que bela música! Música, arte sublime! Quisera eu poder tanger um instrumento.... Mas como? Não poderia tocar sentindo tantas dores.

(Começa a subir com dificuldades e lentamente os degraus do andaime. Por fim chega ao alto.)

**ALEIJADINHO**

Maurício, venha atar o cinzel e o macete às minhas mãos.

Justino, traga-me os desenhos e as ferramentas.

(Maurício e Justino pegam as ferramentas e plantas e sobem as escadas do andaime. Maurício as prende às mãos do Aleijadinho que começa a trabalhar ajudado por Maurício e Justino).

**ALEIJADINHO**

Aprenderam rápido o ofício.

Um dia assumirão sozinhos o serviço.

Quando os comprei, nada sabiam fazer.

Hoje grandes artistas já são.

Ensinei a vocês como aprendi com meus mestres.

Assim aos seus discípulos também ensinarão

E a nossa arte farão perpetuar.

(Continuam trabalhando)

**ALEIJADINHO**

Vejam como a madeira aos poucos toma forma.

O que antes era matéria bruta

Ganha vida e se transforma

Nossa arte é instrumento para a glória de Deus.

(Continuam trabalhando)

(O escravo Januário pega uma imagem e a deixa cair)

**ALEIJADINHO** (Colérico)

Januário!!! Não acredito...

Não fazes nada direito.

Carregas a imagem como se fosse um objeto qualquer.

Não tens ideia de quanto trabalho me custou.

Cuidado deves ter, Januário.

Coloque a imagem de novo no lugar.

(Voltam ao trabalho. Pouco depois entra Lobo de Mesquita)

**EMERICO**

Mestre Antônio Francisco Lisboa?

**ALEIJADINHO**

Quem me chama?

**EMERICO**

É Emerico, o organista.

**ALEIJADINHO**

Bom dia, meu caro! Era você dirigindo a música?

**EMERICO**

Sim. Estavas a ouvir?

**ALEIJADINHO**

Com muito gosto. És um compositor inspirado.

**EMERICO**

Agradeço o sincero elogio. O mestre sabe que aqui cheguei, não faz muito tempo, vindo do Arraial do Tijuco.

**ALEIJADINHO**

Sim, eu bem me lembro. Já trazia consigo a fama de grande compositor.

**EMERICO**

Em Vila Rica fui muito bem recebido e na Irmandade do Carmo ingressei.

Várias obras trouxe comigo, outras aqui criei.

Mas é chegada a hora da despedida

Um novo rumo devo tomar

Do amigo me despeço

Não posso mais aqui ficar.

**ALEIJADINHO**

Não entendo. Qual o motivo?

### **EMERICO**

Quando deixei o Tijuco nada havia a perder.  
A riqueza dos diamantes que o Arraial sustentava, no passado ficou.  
Em Vila Rica busquei novas oportunidades.  
Arrematações do Senado da Câmara, encomendas das irmandades.  
Mas já vão longe os dias de fartura,  
As minas estão se esgotando.  
Lá no Rio de Janeiro aceitei um novo cargo  
Serei o organista na Igreja da Ordem do Carmo.

### **ALEIJADINHO**

Vila Rica muito perderá com tua saída  
Ah, Emerico, sua falta sentirei.  
Quantas vezes na igreja sua música escutei?  
As Missas, os Ofícios, o *Te Deum*, a Salve Regina.

### **EMERICO**

Sim, mestre, são obras que criei para a Santa Madre Igreja.  
A ela dediquei meus mais sinceros esforços  
Vários músicos contratei, os cantores ensaiei  
Mas hoje só nos resta lamentar profundamente.  
O tempo da bonança acabou, o ouro quase se esgotou  
A cidade, outrora rica, é hoje lugar decadente.

### **ALEIJADINHO**

Tens razão, meu caro amigo, tens razão.  
Não há riqueza que dure para sempre.

### **EMERICO**

Por isso vou partir para o Rio de Janeiro.  
Venho aqui me despedir. Adeus, meu caro amigo. (Emerico se retira)

### **ALEIJADINHO** (Monólogo)

Mais um amigo se vai, estou ficando sozinho.  
A conjuração malograda afastou-me de muitos amigos.  
Cláudio Manoel morreu, suicidou-se na prisão.  
Outros tantos degredados, exilados sem perdão.  
Gonzaga em Moçambique, Alvarenga em Angola.  
Tiradentes foi o mártir enforcado, esquartejado.  
O desejo de liberdade dos heróis inconfidentes  
Destruído pela força de uma rainha demente.  
Agora a decadência do ouro antes tão rico  
Leva de mim outro amigo, o maestro Emerico.  
São tantas perdas. Agarro-me na fé.  
Não se esqueça de mim, ó, Deus!

**ALEIJADINHO** (aos escravos)

Vamos voltar ao trabalho. Já estamos muito atrasados.

(Os escravos levam Aleijadinho de volta ao altar e recomeçam a trabalhar)

**ALEIJADINHO** (aos escravos)

Graças a Deus trabalho nunca nos faltou.

As irmandades são generosas e pagam o que lhes cobro.

Foram muitas igrejas em diferentes cidades

Altars, retábulos, santos e lavabos.

Agora a doença dificulta as viagens.

Ficarei em Vila Rica até o fim dos meus dias.

## **CENA II**

(Entram Joana e Manuel Francisco)

**JOANA**

Bom dia, mestre Antônio Francisco.

**ALEIJADINHO**

Joana, Manuel Francisco!!! O que fazem aqui tão cedo?

**JOANA**

Não queremos importuná-lo, mas sabíamos que aqui poderíamos encontrá-lo.

**ALEIJADINHO** (preocupado)

Alguma coisa aconteceu?

**JOANA**

Não se preocupe. Trazemos boas notícias.

Manuel Francisco se decidiu. Ontem me procurou e minha mão pediu.

Vamos nos casar.

**ALEIJADINHO**

Ah, que tão boa notícia. Precisamos comemorar.

Estou orgulhoso, meu filho, tomastes a atitude correta.

Joana é boa moça, prendada e modesta.

Fará você muito feliz e a mim darão muitos netos.

**MANUEL FRANCISCO** (desanimado)

Sim, meu pai.

**JOANA** (a Manuel Francisco)

O que há com você? Estava tão animado. Aqui chegou e teu humor mudou.

**MANUEL FRANCISCO** (impaciente)  
Vamos Joana, minha mãe preciso avisar.

**ALEIJADINHO**  
Tua mãe, tua mãe!  
Aquela mulher ingrata não é digna de ser assim chamada.

**MANUEL FRANCISCO**  
Não fale assim de minha mãe.

**ALEIJADINHO**  
Quando nós nos conhecemos no início eram flores  
Até que a doença chegou e com ela as minhas dores  
Tua mãe não suportou e por fim me abandonou.

**MANUEL FRANCISCO**  
Ela não poderia carregar tão duro fardo.

**ALEIJADINHO**  
Fardo? Não pode uma esposa renegar o seu marido  
Na saúde e na doença, assim é a lei de Deus.

**MANUEL FRANCISCO**  
Basta! Não ficarei mais aqui para que ofendas minha mãe.

**JOANA**  
Parem com isso! Estamos dentro da igreja. Respeitem a casa de Deus.  
Viemos partilhar um momento de felicidade e não para insultos trocar.

**ALEIJADINHO** (para Joana, arrependido)  
Tens razão, minha filha. Não vamos agora brigar.  
É momento muito feliz para ressentimentos lembrar.

**ALEIJADINHO** (para Manuel Francisco)  
Me perdoe, meu filho.  
Venha me dar um abraço!

(Aleijadinho tenta ir ao encontro de Manuel Francisco para abraçá-lo, mas este recua)

**JOANA**  
O que é isso, Manuel? Ele é teu pai.

**ALEIJADINHO** (resignado)  
Não se preocupe, Joana. Manuel Francisco tem razão.  
Estou sujo e empoeirado. Por isso não quer meu abraço.  
Eu entendo, eu entendo.

**JOANA**

Terei muito orgulho de ser sua nora e quero sua benção.

(Joana abraça Aleijadinho)

**ALEIJADINHO**

Deus a abençoe, minha filha.

**ALEIJADINHO** (para Manuel Francisco, à distância)

Deus o abençoe, meu filho.

**MANUEL FRANCISCO**

Obrigado, senhor. Vamos, Joana!

**JOANA**

Até breve, mestre Antônio. Vosmecê está bem?

**ALEIJADINHO**

Sim, minha filha, não se preocupe, vá com Manuel Francisco.

Temos muito trabalho a fazer.

(O Aleijadinho, com profunda tristeza, volta lentamente ao altar ajudado pelos escravos. Enquanto o Aleijadinho é levado, Joana e Manuel se retiram)

**ALEIJADINHO** (Oração)

Meu Senhor, minha Nossa Senhora.

Permitam que eu viva apenas um pouco mais, para meus netos conhecer.

Livrem minha descendência dos males que me afligem.

Para eles peço boa saúde e uma vida muito próspera.

Rogo também por Joana e Manuel

Que possam ser felizes!

Deem a eles a felicidade que eu não tive.

Amém!

**CENA III**

(Aleijadinho volta ao trabalho com os escravos)

(Entra Vicente Freire de Andrada)

**VICENTE FREIRE**

Mestre Antônio Francisco Lisboa?

**ALEIJADINHO** (com irritação)

Mas será o Benedito! Quantas interrupções. Assim não consigo trabalhar. Quem é que agora me chama?

**VICENTE FREIRE**

Eu peço perdão ao amigo, não quero importuná-lo. Sou Vicente Freire de Andrada. Venho de Congonhas do Campo.

**ALEIJADINHO** (Reconhecendo-o)

Ah, meu velho amigo. Me perdoe o mau humor. Sempre terei tempo para aqueles que sabem apreciar a minha arte.

(Os escravos descem o Aleijadinho do andaime)

**ALEIJADINHO**

O que o trazes aqui?

**VICENTE FREIRE**

Uma nova encomenda. (Cumprimentam-se)  
Mas diga-me primeiro, como anda a saúde?

**ALEIJADINHO**

Nada boa, como podes ver. Piorei bastante nos últimos anos. As dores são constantes, os membros deformados, alguns até mesmo amputados.

**VICENTE FREIRE**

Será que o mestre terá disposição para enfrentar um longo e penoso trabalho?

**ALEIJADINHO**

Diga, qual é o vosso desejo?

**VICENTE FREIRE** (Ária)

Do alto de uma colina se ergue, imponente, um lindo santuário  
Mandado erigir por devoção de um homem aflito,  
Milagrosamente curado de grave enfermidade  
Pelo Bom Jesus de Matosinhos.  
Também se espalham pela íngreme ladeira teus passos de Cristo.  
No adro da igreja se erguerão, em pedra-sabão,  
Os doze profetas que anunciarão  
A vinda de Cristo e a nossa salvação.  
Em firme pergaminho o Antigo Testamento  
Inspira o devoto no certo momento  
Palavras de Fé que aliviam o tormento.

**ALEIJADINHO** (com crescente entusiasmo)

Isaías!

**VICENTE FREIRE** (profeticamente)

(Frase esculpida no pergaminho da estátua do profeta Isaías)  
"Depois que os Serafins celebraram o Senhor, um deles trouxe aos meus lábios  
uma brasa com uma tenaz".

## **ALEIJADINHO**

Jeremias!

## **VICENTE FREIRE**

(Frase esculpida no pergaminho da estátua do profeta Jeremias)

“Choro o desastre da Judeia e a ruína de Jerusalém e rogo ao meu povo que volte ao Senhor”.

## **ALEIJADINHO**

Habacuc!

## **VICENTE FREIRE**

(Frase esculpida no pergaminho da estátua do profeta Habacuc)

“A ti, ó Deus benigno, canto em Salmos”.

## **ALEIJADINHO**

Já posso antever a grande obra esculpida  
O sofrimento de Cristo nos Passos da Paixão  
Agora os doze profetas a cena completarão.

Deixo Vila Rica, em Congonhas vou morar.

Lembro agora dos mártires Inconfidentes  
Que deram a vida pela causa da liberdade  
Eles também foram profetas.

Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga,  
Alvarenga Peixoto e o Tiradentes.

Meus Profetas, meus Inconfidentes!!!

## **FIM DO ATO II**

## **ATO III**

Ano de 1805. Interior da casa simples e rústica de Joana. Após um interlúdio orquestral aparece Joana, que trabalha em serviços domésticos. Batem à porta. Joana abre. É o Aleijadinho que retorna de Congonhas do Campo. Entra sendo ajudado por Januário e acompanhado por Justino. Joana o recebe e pergunta sobre o trabalho com as estátuas dos profetas. Após dizer que o trabalho custou a pouca saúde que ainda lhe restava, o Aleijadinho pergunta por Manuel Francisco. Tensa, Joana revela que o marido irá abandoná-la e canta uma ária. Entra Manuel Francisco, que se surpreende com a presença do Aleijadinho. Joana disfarça e enxuga as lágrimas. Um novo conflito se estabelece entre Manuel Francisco e o pai. Manuel Francisco diz que está de partida para o Rio de Janeiro e se retira, abandonando Joana e o pai. Desesperado e abraçado à Joana, o Aleijadinho chama pelo filho.

Um novo interlúdio orquestral faz um salto temporal para 1814. A cena final se desenrola no mesmo cenário, mas modificado, onde agora se vê um estrado baixo, no qual está deitado o Aleijadinho, em seus últimos momentos de vida. Na parede ou sobre um móvel está um crucifixo. O Aleijadinho chama por Joana, que pega um copo, serve água de uma moringa e dá de beber ao Aleijadinho. Joana avisa que foi chamada para realizar um parto e que precisa sair. O Aleijadinho pergunta por Justino. Joana revela que o mesmo o abandonou. O Aleijadinho sofre um ataque de dor e se contorce gritando. Joana o ampara e lhe dá água novamente. Enquanto Joana se prepara para sair, o Aleijadinho adormece. Joana canta uma nova ária e sai. Um breve trecho orquestral começa tranquilo e vai aumentando a tensão, até que Aleijadinho acorda com dores e chamando por Joana. Ele começa a delirar e a vislumbrar as figuras dos profetas que, aos poucos, vão entrando em cena. Em seu monólogo final o Aleijadinho vê nos profetas seus amigos inconfidentes. O coro em *off* canta trechos de "A uma despedida", Lira IX da Parte III de "Marília de Dirceu", poesia de Tomás Antônio Gonzaga, de "A lástima", poesia de Alvarenga Peixoto, e *Libertas Quæ Sera*, texto da bandeira dos inconfidentes. O Aleijadinho sofre o ataque fatal e morre. Os profetas se reúnem em volta da cama. Alguns deles levantam o estrado onde está o corpo e o seguram se posicionando como no adro de Bom Jesus de Matosinhos (ou se retiram levando o corpo), enquanto o coro misto em *off* canta *In Paradisum*.

## **CENA I**

Interlúdio orquestral

Ano de 1805. Interior da casa simples e rústica de Joana. Ela trabalha em serviços domésticos. Batem à porta. Joana abre. É o Aleijadinho que retorna de Congonhas do Campo. Entra sendo ajudado por Januário e acompanhado por Justino.

**JOANA** (demonstrando certo nervosismo)

Meu senhor! Oh, que grata surpresa. É bom vê-lo de volta.

**JOANA** (aos escravos)

Acomode o mestre aqui, Januário.

(Joana puxa uma cadeira à mesa. Januário acomoda o Aleijadinho e vai saindo com Justino. O Aleijadinho chama Justino)

**ALEIJADINHO**

Justino, Justino.

(Justino volta)

**ALEIJADINHO**

Não se esqueça, temos um compromisso. Vamos inspecionar a obra em São Francisco. Não demore.

(Justino consente com a cabeça e se retira com Januário. Joana fecha a porta)

**JOANA**

Como se sente? Está com fome?

**ALEIJADINHO**

Sim, tenho fome.

**JOANA**

Não temos muito. São tempos difíceis.

(Joana traz algo de comer e senta-se à mesa com o Aleijadinho)

**JOANA**

Mas me diga, como foi o trabalho, terminou os profetas?

**ALEIJADINHO** (sem entusiasmo)

Terminei. Doze grandes estátuas esculpidas em pedra-sabão no adro da Matriz do Bom Jesus de Matosinhos. Custaram a pouca saúde que me restava.

É bom estar de volta. Onde está Manuel Francisco?

(Joana se incomoda com a pergunta)

**ALEIJADINHO**

Nos anos que passei em Congonhas do Campo nenhuma carta dele recebi. Acredito que esteja trabalhando muito e sem tempo para saber do pai.

**JOANA**

Manuel Francisco logo chegará e dele poderá saber.

**ALEIJADINHO**

Vejo que não estás feliz. Ele cuida bem de ti?

**JOANA**

Não é possível disfarçar e a ti devo confessar que não vivemos bem. Manuel Francisco pensa em me deixar.

**ALEIJADINHO** (surpreso)

Mas como? Tu és a melhor das esposas. O que pode ter acontecido?

**JOANA** (Ária da Capó)

Quando eu o conheci, logo me apaixonei.

Era jovem e bonito, encantada então fiquei.

Ansiava por alguém, eu estava tão sozinha,

Jamais me esquecerei do sorriso que ele tinha.

Coisas lindas me dizia, falava tanto de amor  
Parecia o homem certo, um artista promissor.  
Noite e dia eu pensava em um fiel companheiro  
Mas o fogo da paixão não é um bom conselheiro.

O desejo em nós foi tanto que confesso que pequei  
Eu fui fraca e submissa e a ele me entreguei.  
O fruto de nossa paixão ficou em meu ventre marcado  
Como prova de nosso erro e também de meu pecado.

Quando eu o conheci, logo me apaixonei.  
Era jovem e bonito, encantada então fiquei.  
Ansiava por alguém, eu estava tão sozinha,  
Jamais me esquecerei do sorriso que ele tinha.

Coisas lindas me dizia, falava tanto de amor  
Parecia o homem certo, um artista promissor.  
Relutante descobri que estava enganada  
Uma grande ilusão de mulher apaixonada.

(Entra Manuel Francisco, que se surpreende com a presença do Aleijadinho.  
Joana disfarça e enxuga as lágrimas).

**MANUEL FRANCISCO**

Meu pai! Já voltou?

**ALEIJADINHO**

Sim, meu filho. Venha cá para que eu possa abraçá-lo.

**MANUEL FRANCISCO**

Acabo de chegar e preciso me lavar.

**ALEIJADINHO**

Sim, eu entendo. Está cansado. Muito trabalho deve ter. O que está fazendo agora? Foi contratado por alguma irmandade?

**MANUEL FRANCISCO**

Não. Em Vila Rica nada posso fazer. É uma cidade imprestável, trabalho não consigo obter.

**ALEIJADINHO**

Não se preocupe, meu filho. Seu pai está de volta. Ainda sou artista conceituado, profissional respeitado. Falarei com algumas pessoas e logo trabalho vais ter.

**MANUEL FRANCISCO**

Não preciso de sua ajuda. Posso me virar sozinho.

**ALEIJADINHO**

Não seja orgulhoso, meu filho. Tens esposa e filhos. Não pode ficar sem trabalhar, a eles precisa sustentar. Fique comigo então. Já tenho novas encomendas, trabalhe comigo na minha oficina.

**MANUEL FRANCISCO**

Agradeço, mas não quero. Tomei outra decisão e de ti vou me despedir.

**ALEIJADINHO**

Não seja tolo. Teu lugar é aqui. Com tua família debes ficar. És bom profissional, eu sei. Eu te eduquei e ensinei.

**MANUEL FRANCISCO**

Tentou me tornar um artista, mas talento não tenho.

**ALEIJADINHO**

Teu esforço foi pequeno.

**MANUEL FRANCISCO**

Me impuseste tua profissão. Não a quero.  
Estás todo aleijado. Foi o que tua arte te deu.

**JOANA** (surpresa)

Manuel Francisco, não fale assim com teu pai.

**MANUEL FRANCISCO**

Cale-se, mulher. Não se intrometa.

**ALEIJADINHO**

O que falas fere o meu coração. Acabo de retornar de Congonhas onde esculpi doze grandes profetas. A doença não me impediu de realizar minha obra mais perfeita. Tu és um fraco.

**MANUEL FRANCISCO**

E tu és digno de piedade.

**ALEIJADINHO**

Antônio Francisco Lisboa não é homem de viver de piedade.

**MANUEL FRANCISCO**

Aleijadinho é como te chamam.

**ALEIJADINHO**

Aleijadinho é como todos me chamam.  
Mas não posso suportar a dor de assim ser chamado por meu próprio filho.

**MANUEL FRANCISCO**

Eu não posso mais suportar a vergonha de ser reconhecido como filho do Aleijadinho, aquele de quem trago no sangue a herança maldita da deformação.

**ALEIJADINHO**

Como podes renegar assim a tua filiação?

Dei a ti o nome de meu querido pai.

Tu és filho do Aleijadinho, sim.

**MANUEL FRANCISCO**

Eu renego. Todos os que por mim passam me olham como a buscar iguais deformidades. Não suporto os olhares que me condenam a um destino igual ao teu. Mas minha maior angústia é a dúvida de não saber se sofrerei os mesmos padecimentos. Todos os dias imploro ao Senhor para que me poupe de ser herdeiro das tuas moléstias.

**ALEIJADINHO**

Ingrato! (Aleijadinho tenta levantar da cadeira com o punho cerrado para Manuel Francisco, mas cai no chão. Joana o socorre.)

**ALEIJADINHO** (caído no chão)

Sou teu pai e deverias de mim cuidar.

Mas agora me abandonas, sem remorso nem pesar.

Quero que comigo fiques, mas não vou implorar.

**JOANA**

Manuel Francisco, eu imploro.

Não nos abandone. Pense nos teus filhos.

**ALEIJADINHO**

Joana se sacrificou por ti. Agora desistes de tudo? Leve-a contigo, se não queres aqui ficar.

**MANUEL FRANCISCO**

Preciso partir sozinho. A decisão está tomada.

Que Deus tenha piedade de ti! Vou seguir o meu caminho. Adeus!

(Manuel Francisco sai pela porta)

**ALEIJADINHO** (desesperado, abraçado à Joana, como um último apelo)

Meu filho!

**FIM DA CENA I (cortina)**

(Interlúdio orquestral para alteração de cenário. Salto temporal para 1814)

## **CENA FINAL**

Ano de 1814. Interior da casa de Joana, onde agora se vê um estrado baixo, no qual está deitado o Aleijadinho. Na parede ou sobre um móvel está um crucifixo.

**ALEIJADINHO** (chamando por Joana)

Joana? Joana?

**JOANA**

Meu sogro, o que é?

**ALEIJADINHO**

Tenho sede!

(Joana busca água para o Aleijadinho)

**ALEIJADINHO**

Obrigado.

**JOANA**

Agora procure descansar. Fui chamada para uma criança amparar. Está para nascer e preciso à mãe acudir. Ficarás bem?

**ALEIJADINHO**

Sim, ficarei bem. Nada mais me resta que não seja esperar...

Vá, minha filha, sou um velho doente e cansado.

Seguirei até o fim carregando o meu fardo.

Onde está Justino? Recebeste alguma notícia?

**JOANA**

Não, senhor. O meu sogro deve se resignar. Ele não voltará.

**ALEIJADINHO**

Não é possível. O enviei para inspeção da obra na Capela da Igreja do Carmo. Ficou de trazer o pagamento da Irmandade. Será que algo aconteceu?

**JOANA**

Já faz tanto tempo. Conforme-se. Justino há muito já devia ter voltado. Em casa ele não é encontrado.

**ALEIJADINHO**

É mais um que se vai. Em Congonhas, Maurício morreu durante a fatura dos profetas. Era mais que um escravo. Com ele dividia o trabalho e o pagamento. Poucos são aqueles que podem distinguir onde termina o que é meu, onde começa o que é dele.

**JOANA**

Aprendeu com o mestre.

**ALEIJADINHO**

Sim, eu o ensinei, mas não tinha boa saúde. Só Januário me restou, aquele que por tantos anos me amparou. Sem ele, o que será de nós?

**JOANA**

Deus proverá.

**ALEIJADINHO**

Ah, Joana, por ti eu peço a Deus todos os dias. Não existe alma mais caridosa. Em sua casa me acolheste, mesmo sem obrigação.

**JOANA**

O mestre Antônio Francisco sempre meu sogro será.

**ALEIJADINHO**

Sou um estorvo para ti, eu sei. Cuidas de minhas feridas, limpa as minhas imundícies, conforta a minha alma.

(Aleijadinho sofre novo ataque. Joana o ampara e lhe dá água novamente)

**JOANA**

Não pense nisso agora. Mandarei avisar que não posso ir, que chamem outra parteira.

**ALEIJADINHO**

Não, Joana, por favor. Vá, estão esperando por ti. Não deve se atrasar. Vá, Joana, não se preocupe comigo, ficarei bem.

**JOANA**

Está bem, eu irei, mas não vou demorar. Aproveite para dormir.

**ALEIJADINHO**

Sim, eu estou muito cansado. Já não tenho mais forças. Adeus, Joana. Vá... vá...

**JOANA**

Fique com Deus.

(Enquanto Joana se prepara para sair, o Aleijadinho adormece.)

**JOANA**

Ele dorme. Pobre criatura. Tanta beleza produziu, agora definha nesta cama à espera do chamado de Deus.

(Joana sai. Aleijadinho tem um sono agitado e acorda sobressaltado chamando por Joana)

## **ALEIJADINHO**

Joana, Joana!

Aqui entrevado neste quarto  
Estirado em dura cama  
Distante dos homens e da arte  
Padeço solitário, sem amigos e sem fama.

(Aleijadinho começa a delirar e vislumbrar as figuras dos profetas que, aos poucos, vão entrando em cena)

## **ALEIJADINHO E CORO MASCULINO** (Monólogo com coro em *off*)

(Surge a figura do primeiro profeta)

**CORO MASCULINO** (Trecho de "A uma despedida", Lira IX da Parte III de "Marília de Dirceu", poesia de Tomás Antônio Gonzaga)

"Parto, enfim, e vou sem ver-te,  
Que neste fatal instante  
Há de ser o teu semblante  
Mui funesto aos olhos meus".

## **ALEIJADINHO**

Gonzaga, meu velho amigo, é você? Estás de volta?  
Fostes imprudente. Eu te alertei.  
Não tomaste suficiente cuidado. Confiaste em quem te traiu.  
(Aleijadinho é atacado novamente por fortes dores)

## **ALEIJADINHO**

Estou arruinado e doente.  
Meus dedos já não seguram.  
Minhas pernas não têm forças.  
As chagas cobrem o meu corpo.  
Melhor que a desgraça, será a minha morte.

(Surge o segundo profeta)

**CORO MASCULINO** (Trecho de "A lástima", poesia de Alvarenga Peixoto, escrita na masmorra da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro)

"A prisão não lastimo, outra vez digo,  
Nem o ver iminente o duro corte;  
É ventura também achar a morte  
Quando a vida só serve de castigo".

### **ALEIJADINHO**

Alvarenga, por que nos deixou tão cedo?  
O degredo foi fatal. Morreste solitário em terras distantes,  
Mas tua Bárbara ainda chora por ti.

(Novas dores crescentes)

Ai, meu Deus, já não posso suportar.  
Afasta este cálice de mim, Senhor.  
Eu rogo, imploro, acabe com meu sofrimento.

(Surge o terceiro profeta)

### **CORO MASCULINO**

Libertas Quæ Sera.  
Libertas Quæ Sera.

### **ALEIJADINHO**

Joaquim José, tu és o mártir Inconfidente.  
Teu sonho de liberdade ainda vive no coração de tua gente.  
Confia, o dia há de chegar.

(Os demais profetas vão surgindo)

### **ALEIJADINHO** (Morte do Aleijadinho)

Ah! São vocês. Acordaram de seu sono de pedra.  
Não me sinto mais sozinho.  
Estão aqui para me levar  
E de minhas dores me libertar.  
Piedade, Senhor, piedade.  
"Agora a Ti eu peço, Jesus,  
Ponha sobre mim os Teus divinos pés  
Me leve para a casa do Pai".  
Liberdade, Senhor, Liberdade.

(Aleijadinho cai morto. Os profetas se reúnem em volta da cama. Alguns deles levantam o estrado onde está o corpo. Os profetas podem sair levando o corpo do Aleijadinho ou se posicionarem em cena como no adro de Bom Jesus de Matosinhos, enquanto o coro em *off* canta "In Paradisum").

## **CORO MISTO**

*In paradisum deducant te Angeli; in tuo adventu suscipiant te martyres, et perducant te in civitatem sanctam Ierusalem. Chorus angelorum te suscipiat, et cum Lazaro quondam paupere æternam habeas réquiem.*

(Tradução: Que os anjos o levem ao Paraíso. E que à tua chegada os Mártires o recebam e te levem à santa cidade, Jerusalém. Que um coro dos anjos o receba e com Lázaro, o que fora pobre, tenhas o descanso eterno.)

**FIM**